

CÍCERO E O SEU IDEAL POLÍTICO EM FACE DO DISCURSO DE HARUSICUM RESPONSIS

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)
luilicarpinetti@oi.com.br

1. Introdução

Em meio a um discurso carregado do tom patético e comoído, o mais acabado orador que Roma teve persiste cultuando o ideal político que norteou a sua vida pública e celebra a vitória sobre seu perseguidor pessoal, Clódio, no discurso absurdamente lógico e vitorioso das injúrias de um tribuno da plebe devasso e agitador. Cícero encontra nas respostas dos arúspices e no panorama político da época seus referenciais e seu norte. Quem sempre soube defender a lei como base do Estado, não titubeia no momento da provocação descabida e insensata que desafia alguém que já sofreu todas as injúrias possíveis por parte do perseguidor Clódio.

2. Os discursos pós-exílio

Relatar-se-á, neste tópico, os eventos que vão desde o exílio de Cícero até o seu retorno.

No ano seguinte ao consulado de Cícero, em 62 a.C., Pompeu retornou do Oriente, e em 61 a.C., celebrou seu triunfo. Tratado friamente por um Senado desconfiado e desdenhando em aliar-se ao Partido Popular, que tinha sido desacreditado pelos esquemas revolucionários de Catilina, ele se retirou para a inatividade. No ano seguinte, César retornou da Espanha, e, renunciando ao triunfo que lhe era devido, foi eleito cônsul para o ano de 59 a.C., como líder reconhecido dos democratas. Vislumbrando o rebaiamento do Senado, uma coalizão informal, conhecida como o primeiro Triunvirato, foi formada por César, Pompeu e Crasso. Cícero foi questionado em relação a sua atitude, mas recusou-se a se desvincular da causa conservadora e do partido senatorial. César, tendo passado medidas para a satisfação dos veteranos de

Pompeu, fazendo acordos para compactar e, para o seu próprio posto de comando na Gália por cinco anos, deixou Roma para se juntar às suas legiões em 58 a.C., deixando ao seu capataz, o dissoluto e anárquico Clódio, a incumbência de velar por seus interesses na cidade. O primeiro objetivo de Clódio foi afastar Cícero, cuja atitude se demonstrava descomprometida, o que era uma ameaça constante ao Triunvirato. Clódio promulgou um decreto, pronunciando sentença de banimento contra alguém que havia condenado um cidadão romano à morte sem julgamento. A referência à execução dos companheiros e conspiradores de Catilina era óbvia. Cícero deixou-se levar pelos acontecimentos e abandonou Roma. Foi então promulgado um decreto posterior, no qual o nome de Cícero foi introduzido, banindo-o para centenas de milhas de Roma e ordenando que sua casa no Palatino fosse demolida. Cícero retirou-se para Tessalônica na Macedônia.

Entrementes a arrogância e a turbulência de Clódio estavam alienando Pompeu e exasperando o Senado. Os esforços foram feitos pelos seus companheiros tribunos para tomar medidas para a reconvocação de Cícero, mas os bandos de rufiões de Clódio frustraram todas as tentativas na legislação. Em meados de 57 a.C., o Senado convocou os eleitores do campo para estarem presentes em uma assembleia obrigatória e uma nota para a restauração foi promulgada. Cícero entrou em Roma em procissão de triunfo. No dia seguinte, ele retribuiu agradecimentos ao Senado por sua restauração, no discurso que é provavelmente aquele que chegou até nós: *Post Reditum in Senatu* (Ao senado depois do retorno). Dois dias depois, ele agradeceu ao povo num encontro de multidão: *Post Reditum ad Quirites* (Aos romanos depois do retorno).

Mas nesse ínterim, Cícero não encarava sua restauração como completa. Em sua ausência, Clódio deitou abaixo sua casa no Palatino, consagrou o local e erigiu ali então um monumento à Liberdade, esperando, assim, colocá-lo a salvo da reintegração de posse por seu antigo proprietário. Cícero apelou ao Senado para declarar a consagração à Liberdade nula e inexistente, e sobre a questão, que tinha sido relatada pelo Senado ao colégio dos Pontífices, o corpo em cuja alçada repousam as decisões em matéria de

religião pública. O orador estabeleceu seu caso diante deles esmiuçadamente no discurso *De Domo Sua* (Sobre sua casa). Os pontífices deram um mandado em favor de Cícero, o Senado promulgou um decreto para a restituição no devido modo, e a casa foi reconstruída, apesar dos esforços de Clódio para intimidar os executores da obra.

O agitador, ensandecido, alertado o tempo todo, não deixou escapar nenhuma oportunidade de perturbar Cícero. No começo do ano de 56, houve boatos de que sons estranhos foram ouvidos nos arredores da cidade, e o Senado decretou que os arúspices fossem convocados da Etrúria para interpretar o prodígio. Os arúspices replicaram que os sons eram uma intimidação da ira dos deuses quanto à celebração negligente dos jogos, a profanação dos lugares sagrados, o assassinato dos políticos e a violação dos juramentos. Clódio, que era um edil neste ano, afirmou que a profanação alegada pelos arúspices de ter sido cometida consistia na reocupação, por parte de Cícero, de sua casa. No discurso *De Haruspicum Responsis*, proferido diante do Senado, Cícero replicou a injúria sobre seu agressor, revidando sobre Clódio a responsabilidade por todas as ofensas que foram ditas terem sido ocasionadas pelo prodígio.

3. Cícero: o ideal político e o fim dramático da era republicana

Em Cícero e em sua obra *De re publica* estão assentados os pilares de um ideal político que Cícero persegue em pronunciada turbulência de acontecimentos¹¹ e vicissitudes. Assim podemos visualizar o que muitos críticos, de modo geral, chamam de carreira marcada por um drama político, como faz Maffio Maffii (1933). Justamente, porque quando adere à facção senatorial, em oposição aos *populares*, Cícero o faz com energia e firmeza estoicas, que o

¹¹ Na obra citada na bibliografia, a qual trata do texto do Pro Sestio e In Vatinius, pela coleção The Loeb Classical Library, encontramos um painel dos acontecimentos na introdução do volume citado, intitulado "Table of Events in Roman Politics from 60 B.C. to 56 B.C."

torna único nesse contexto, com a força de sua retórica, mesmo que seja para defender causas frágeis ou perdidas, como bem romanceou sua vida a escritora norte-americana Taylor Caldwell¹² em tão famosa biografia de Cícero.

A atuação de Cícero em processos judiciais nos dá a dimensão de sua crença em uma república que realize em seu momento histórico a representação do poder compartilhado por uma classe regida pela meritocracia ou que haja em seu seio alguém de sumo mérito, diferentemente do poder de um único sujeito contra os restantes ou o poder monárquico. Mas não só sua coletânea de discursos que chegou tão bem conservada à contemporaneidade, mas os seus tratados de retórica que espelham sua excelência ímpar neste gênero, jamais alcançada em grau equivalente por outros mestres na língua latina e na posteridade. Também pela sua correspondência em que, mais refletidamente e sem a ênfase própria da peça de retórica forense, ele nos instrui sobre os bastidores da cena política. E por fim, por sua obra filosófica, em que podemos aprender muito sobre a filosofia antiga, os temas religiosos e políticos, que são fruto de sua intensa atividade de estudo, que acaba por nortear a sua ação multifacetada, porque oriunda de uma reflexão eclética.

Com relação a seu ideal político, Cícero bebia em fontes de Platão, sobretudo em sua obra *Fedro*, segundo nos diz Lepore (1964). E que, como dissemos acima, o ideal de poder é aquele exercido por uma classe governada pela meritocracia ou por alguém em seu seio que se exceda aos seus pares em méritos. Cícero, *homo novus* em sua eleição mais significativa de seu currículo de honras ou, como diziam os antigos romanos, seu *cursus honorum*, o consulado, torna-o conhecido e admirado por seus talentos e atributos morais, e coloca-o em lugar de destaque entre todos os homens de bem de sua época, os quais chama em latim de *omnes boni*, dentre os quais faz brilhar sua eloquência carregada de sabedoria, entendendo-se por sabedoria o que bebeu na filosofia de

¹² Um pilar de ferro, título que deu Luzia da Costa Machado à sua tradução de *A pillar of iron*, cuja edição consta na bibliografia.

Platão e Aristóteles, nos filósofos da Academia, nos filósofos da era helenística, no acordo das ordens, no legado dos antepassados (*mos maiorum*), no dinamismo que imprime à tradição que vai cada vez mais tornando-se estática, à medida que se aproxima de seu fim, enfim, por todos estes fatos e por sua pessoa que se impõe às circunstâncias adversas.

Entre as adversidades lembradas, citamos aqui o exílio, fato implícito no discurso *De Haruspicum Responsis*, que, já dissemos, carrega nas tintas de um tom patético, que é o fato de ser o discurso de um ex-exilado e, se pensarmos que quem o exilou foi esmiuçadamente retratado em todos os seus atos no discurso *De Domo Sua*. No *De Haruspicum Responsis*, Cícero, apenas muito ao modo dos bons diatribistas, lembra a fama de Clódio de ter sido surpreendido na cerimônia sagrada da *Bona Dea*, vestido de mulher e expulso da casa de César (Cícero, DHR 4), estando este ausente da cerimônia, e sendo constrangido a repudiar sua esposa após a profanação da cerimônia. Lembra, ao lado deste fato relatado por Plutarco (2001, p. 1301-2), em suas *Vidas Paralelas*, a fama de incesto com a irmã Clódia, salpicando seu discurso de alfinetadas de um fino diatribista, a quem não falta humor, sobretudo quando é mordaz em suas críticas.

Cícero chora esse exílio por tê-lo afastado de sua casa, então reconstruída no Palatino, às expensas do erário, que, para ele, é símbolo de tudo o que o título de cidadão romano significa a quem o destino foi despojando a cada novo golpe, principalmente depois dos malfadados discursos proferidos contra Catilina, e que foi privando-o de sua glória sonhada com a permanência do ideal da República baseada no bem-comum (*salus omnium*), na justiça humana e no direito divino (*ius e fas*), na concórdia dos melhores (*concordia optimatum*), na observância escrupulosa dos ritos religiosos e dos jogos, na conservação da pátria e dos príncipes.

No momento do pós-exílio e, sobretudo do discurso *De Haruspicum Responsis*, em que apela aos deuses imortais, e a quem não lhes seja insensível, como guardiães do costume dos antepassados, Cícero vai aproximando-se de seu fim trágico, já que o

momento histórico em que vive o escolheu como vítima (*hostia*) do fim da República, ou seja, seu fim sela com a morte o fim de uma era em que ele agonizou até o fim, suspirando a cada passo, conservando-se a cada novo golpe, sobrevivendo ao clima hostil de seu tempo para legar à posteridade a lição imortal que com ele todos aprendemos a venerar e admirar como única e insubstituível. Se por vezes, seu aceno desperta a antipatia de seus rivais, sua palavra atravessa os séculos como um apelo de um ideal político plasmado de humanidade, beleza e justiça.

O apelo aos deuses imortais vale a pena lembrá-lo, pois é a passagem mais linda do *De Haruspicum Responsis*, em meio à ações desorientadas de Clódio e da cada vez mais progressiva adesão da massa de plebeus e mesmo aristocratas à causa dos populares e à liderança cesariana. Vejamos o período em que cita tal apelo:

Etenim quis est tam uaecors qui aut, cum suspexit in caelum, deos esse non sentiat, et ea quae tanta mente fiunt ut uix quisquam arte ulla ordinem rerum ac necessitudinem persequi possit casu fieri putet, aut, cum deos esse intellexerit, non intellegat eorum numine hoc tantum imperium esse natum et auctum et retentum?" (CÍCERO, DHR, p. 19).

Com efeito, quem é tão insensível que ou não perceberia existirem os deuses, uma vez que tenha erguido o seu olhar para o céu, e que acreditaria que se realizariam por acaso aquelas coisas que se fazem por tamanha inteligência que alguém, dificilmente, poderia, de alguma maneira, perseguir a ordenação e a ordem de prioridade das coisas; ou não entenderia que, pela divindade daqueles, este tão grande império nasceu, aumentou-se e conservou-se, quando entendeu que os deuses existiam?

No seriado Roma, há uma cena em que ceiam juntos Cícero, Pompeu e Catão, dentre alguns outros. Um deles comenta: “aqui estamos juntos o resto da República”. A cena é evocadora de uma elite sem seguidores, de líderes despojados de liderados, enfim o que restou de uma República em frangalhos.

Assim concluímos nosso breve artigo que pretende apresentar o assunto ou um dos aspectos abordados na obra *O discurso de Cícero De Haruspicum Responsis: Guia de Leitura*, editado pela

Editora Annablume, neste ano de 2013, em São Paulo, pelo autor desta comunicação, Luís Carlos Lima Carpinetti, em coautoria com Lara Barreto Corrêa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDWELL, Taylor. *Um pilar de ferro*. Trad.: Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.

CARPINETTI, Luís Carlos Lima; CORRÊA, Lara Barreto. *O discurso de Cícero De Haruspicum Responsis*: Guia de leitura. São Paulo: Annablume, 2013.

CÍCERO. *Discours*. Au sénat, au peuple, sur sa maison. Texte établi et traduit par Pierre Wuillemier. Paris: Les Belles-Lettres, 1952.

CÍCERO. *Discours*. Tome XIII, 2. Sur la réponse des haruspices. Texte établi et traduit par Pierre Wuillemier et Anne-Marie Tupet. Paris: Les Belles-Lettres, 1966.

CÍCERO. *Orationes*. Pro Archia, Post Reditum in Senatu, Post Reditum ad Quirites, De domo sua, De haruspicum responsis, Pro Plancio. With an English translation by N. H. Watts. London: Loeb Classical Library, 1979.

CÍCERO. *Orationes*. Pro Sestio, In Vatinius. With an English translation by R. Gardner. London: Loeb Classical Library, 2001.

HAURY, A. *L'ironie et l'humour chez Cicéron*. Leiden: E. J. Brill, 1955.

LEPORE, E. *Il princeps ciceroniano e gli ideali politici della tarda repubblica*. Nápolis: Sede dell'Istituto, 1954.

MAFFII, M. *Cicerone e il suo dramma politico*. Verona: A. Mondadori Editore, 1933.

PLUTARCO. *Vies parallèles*. Trad.: Anne-Marie Ozanam. Paris: Gallimard, 2001.

SMITH, R. E. *The failure of the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

TAYLOR, L. R. *Party politics in the age of Caesar*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1949.

VOGT, J. *La repubblica romana*. Bari: Laterza, 1987.